



**CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO SALGADO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EDUCAÇÃO FÍSICA**

**JAQUELINE PEREIRA CLEMENTINO**

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: REFLEXÕES  
ACERCA DE GÊNERO**

**ICÓ-CE  
2021**

JAQUELINE PEREIRA CLEMENTINO

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: REFLEXÕES  
ACERCA DE GÊNERO**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à disciplina de TCC II ao curso de Educação Física do Centro Universitário Vale do Salgado (UNIVS), como pré-requisito para obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Esp. Erika Suyanne Sousa Silva.

JAQUELINE PEREIRA CLEMENTINO

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: REFLEXÕES  
ACERCA DE GÊNERO**

Artigo submetido à disciplina de TCC II ao curso do Centro Universitário Vale do Salgado (UNIVS), como pré-requisito para obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador(a): Prof.<sup>a</sup> Esp. Erika Suyanne Sousa Silva

Aprovação em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Prof.<sup>a</sup> Erika Suyanne Sousa Silva**  
Centro Universitário Vale do Salgado  
*Orientadora*

---

**Prof. Ms. Evandro Nogueira de Oliveira**  
Centro Universitário Vale do Salgado  
*1º Examinador*

---

**Prof.<sup>a</sup> Ms. Edna Ferreira Pinto**  
Centro Universitário Vale do Salgado  
*2º Examinador*

## RESUMO

Essa pesquisa se justifica por meio de várias observações durante os períodos de vivências no curso de graduação em licenciatura em Educação Física na escola, percebendo-se dessa forma uma grande distinção nas atividades direcionadas aos meninos e as meninas. A partir dessas colocações, a pesquisa sugere o seguinte questionamento: Que modelos de práticas pedagógicas podem ser aplicadas para garantir a participação de ambos os gêneros no ambiente escolar? O objetivo geral proposto trata-se de: Refletir sobre modelos/práticas pedagógicas aplicadas para garantir a participação de ambos os gêneros no ambiente escolar. A metodologia priorizada nesse estudo é descrita com uma abordagem qualitativa e bibliográfica, seguida pela revisão integrativa da literatura. Nos achados, percebe-se que o grande desafio dos docentes em obter êxito na participação de forma afetiva de ambos os gêneros podem ser superadas com as formas de adequações das regras dos esportes para o âmbito escolar, debates com os (as) discentes sobre atitudes de preconceitos e desigualdades que são vivenciadas no ambiente escolar, fazendo-se necessário a implementação de uma proposta para discussão dos temas relacionados a gênero na educação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Práticas Pedagógicas. Educação Física. Igualdade de Gênero.

## ABSTRACT

This research is justified through several observations during the periods of experiences in the undergraduate course in Physical Education at school, thus realizing a great distinction in the activities aimed at boys and girls. Based on these statements, the research suggests the following question: What models of pedagogical practices can be applied to guarantee the participation of both genders in the school environment? The proposed general objective is: Reflect on pedagogical models/practices applied to ensure the participation of both genders in the school environment. The methodology prioritized in this study is described with a qualitative and bibliographic approach, followed by an integrative literature review. In the findings, it is clear that the great challenge of teachers in achieving success in the affective participation of both genders can be overcome with ways of adapting sports rules to the school environment, debates with students about attitudes prejudices and inequalities that are experienced in the school environment, making it necessary to implement a proposal to discuss issues related to gender in education.

**KEYWORDS:** Pedagogical Practices. Physical Education. Gender equality.

## 1- INTRODUÇÃO

A desigualdade de gênero está presente no contexto da organização social, sendo fortemente expressada no ambiente escolar, podendo ser manifestada de forma explícita ou implícita. É possível observar isso na formação escolar, principalmente na prática pedagógica do docente, seja por falta de formação continuada ou pela própria negação em se aprofundar à temática. Vasconcelos e Ferreira (2020), destacam que podemos observar isso principalmente nas aulas de Educação Física, em atitudes ou ações que acabam reforçando as diferenças, como as separações de aulas com conteúdos distintos para meninas e meninos, estabelecendo um marcador de estereótipos e desigualdades no componente Educação Física.

No ambiente escolar, temas de relações de gênero precisam ser debatidos nos conteúdos transversais de orientação sexual, indicado pelos PCNs (1997, p.28), como “processo de intervenção pedagógica, com o objetivo de problematizar e transmitir questões relacionadas a sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados”. Conforme o documento citado, compreende-se em suas entrelinhas a necessidade de serem abertos espaços dentro do ambiente escolar para discussão e reflexão acerca das relações de gênero, tendo como objetivo questionar os papéis estabelecidos rigidamente a homens e mulheres dentro da sociedade.

É fundamental que nas aulas de educação física, possam ser abordadas questões de desigualdade de gênero, de modo a compreender como os(as) professores(as) estabelecem suas aulas envolvendo a participação completa dos(das) discentes, entendendo ainda, que práticas pedagógicas adotadas podem promovam essa igualdade e a interação dos alunos em aulas mistas, visto que na escola acontece de forma contínua a transmissão de valores, conhecimento, postura, hábitos, preferências e movimentos corporais de gêneros.

Essa pesquisa se justifica por meio várias observações durante os períodos de vivências no curso de graduação em licenciatura em Educação Física na escola, percebendo-se dessa forma uma grande distinção nas atividades direcionadas aos meninos e as meninas, desencadeando desta forma a falta de interesse de alguns discentes em participar das aulas. Uma grande preocupação nesse sentido é que subjetivamente acaba se gerando imposições de que os meninos são superiores, e as meninas, frágeis. Por consequência disso, alguns docentes utilizam aulas separadas, consentindo então com as imposições debatidas historicamente ao gênero.

É imprescindível pensar brevidade em reflexões sobre a temática junto aos docentes de todas as formações, especificamente educação física, onde se busque a participação ativa de ambos os sexos, visando um ideal democrático, refletindo sobre a importância da igualdade, das diferenças de gênero e sexualidade, com o intuito de reconhecer e afirmar as diferenças sem preconceitos e exclusão. Faz-se necessário ainda, que a educação cumpra as delimitações das Leis de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDBEN,1996), em seu artigo 3º IV, onde expõe que o ensino deve ser ministrado com base no respeito e na liberdade, sendo contra todo tipo de discriminação e preconceito.

Para que se possa alcançar a equidade de gênero, devem ser preparados nas aulas de educação física ambientes em que meninos e meninas possam explorar e desenvolver juntos suas habilidades individuais independente de sua identidade de gênero, seja nos jogos, esporte ou nas demais práticas corporais. Visto que o docente possui a função de mediar e assegurar a inclusão dos alunos junto a um espaço de reflexão, contribuindo na apropriação reflexiva dos conhecimentos, capacitando os(as) discentes para agirem de forma justa dentro da sociedade, conhecendo seus direitos. A partir dessas colocações, surge o seguinte questionamento: **Que modelos de práticas pedagógicas podem ser aplicadas para garantir a participação de ambos os gêneros no ambiente escolar?**

No intuito de obter respostas e reflexões sobre os estudos já produzidos acerca da igualdade de gênero em aulas de educação física, o presente estudo teve como objetivo geral: **Refletir sobre modelos/práticas pedagógicas aplicadas para garantir a participação de ambos os gêneros no ambiente escolar.**

Nessa investigação, segue-se um referencial teórico baseado nos estudos de Helena Altamann e outros autores correspondentes, tratando as relações de gênero socialmente produzidas nos currículos escolares. A metodologia priorizada nesse estudo é descrita com uma abordagem qualitativa e bibliográfica, seguida pela revisão integrativa da literatura. A discussão dos resultados deve-se a soma de várias leituras e discussões para se encontrarem possíveis soluções para a questão norteadora. Por fim, caminhamos para as considerações finais abrindo espaços para futuras investigações.

## **2- REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 AS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Meninos e meninas, desde o nascimento são engajados a assumir posturas consideradas “adequadas” para cada gênero, e nas aulas de Educação Física isso se tornou rotina. É possível observar muitas vezes que os esportes praticados pelas meninas são relacionados a movimentos delicados, calmos e com pouco contato físico, como a dança e a ginástica. Os meninos, ao contrário, associam a eles atividades que demonstram agilidade, força, rapidez e capacidades motoras físicas. Os alunos que não se encaixam nesses modelos, acabam sofrendo ridicularizações e bullying, dificultando conseqüentemente a participação nas aulas (VASCONCELOS E FERREIRA, 2020).

De acordo com Uchoga e Altmann (2016), o gênero masculino tem maior envolvimento nas aulas de educação física, por confiarem em suas habilidades motoras, sendo elas enxergadas por eles mais desenvolvidas. Fatores como a falta de habilidade motora influenciam na participação efetiva das meninas, muitas vezes elas estão em aula, porém desenvolvendo objetivos secundários que não são propostos.

Nas aulas de educação física, as meninas acabam se reprimindo, principalmente por pensarem que podem atrapalhar o desempenho dos meninos. A cultura de submissão do gênero feminino, faz com que o ser humano crie divisórias de acordo com os segmentos identificados por essa cultura (FRIZZO; ALVES E CECCHIM, 2018).

As habilidades motoras das meninas são inferiores às do gênero oposto, o que ocasiona para as mesmas nas aulas mistas constrangimento e sofrimento emocional, resultando assim em motivos para a não participação nas aulas (VIANNA, SOUZA E REIS, 2015). É válido salientar também que essa não participação se dá por uma construção histórica preconizada pela sociedade, impondo a participação esportiva apenas ao gênero masculino, sendo imposto ao gênero feminino papéis inferiores, mais um motivo para tornar os homens superiores (DA ROCHA MATOS ET AL, 2016).

São encontradas nas aulas de Educação Física duas formas de participação, a primeira é a não efetiva, que seria a não participação total do aluno(a), onde ele(a) faz atividades que não são propostas pelo professor(a), e a segunda seria a participação menos efetiva, onde o discente permanece na atividade, mas não participa de forma efetiva, estando ali apenas de forma “mascarada”, mostrando então que está presente nas aulas não é sinônimo de envolvimento e nem de participação igualitária, sendo que os(as) discentes não alcançam os objetivos propostos pelo professor(a) (UCHOGA E ALTMANN, 2016).

Neste sentido, as autoras acima citadas afirmam que as diferentes formas dos alunos participarem das atividades propostas faz com que meninas e meninos desenvolvam

habilidades distintas, como é o exemplo da queimada, que mesmo sendo aplicada para ambos os gêneros, as habilidades desenvolvidas são diferentes, pois os meninos desenvolvem habilidades de arremesso, força e equilíbrio, e as meninas desenvolvem habilidades de liderança e organização.

Com isso, nota-se que a desigualdade ainda não foi superada, e ocorrem a partir das concepções generalizadas de corpo e habilidades físicas que colocam as meninas como inferiores e menos hábeis comparadas aos meninos. Monteiro (2017) expressa que a “suposta incompetência motora” das meninas ainda persiste por parte dos(das) discentes, referindo-se a prática esportiva do gênero feminino como algo de menor valor, onde os(as) próprios(as) discentes usam como justificativa o fato dos esportes femininos serem menos repercutidos na mídia, ou seja, essa desvalorização do esporte feminino contribui para o aumento do preconceito, gerando uma alta incidência nas desigualdades de gêneros principalmente nas aulas de educação física.

É útil identificar os termos sexo e gênero, onde sexo refere-se às características biológicas que nos fazem feminina ou masculino, que são diferenciados pelos órgãos sexuais. Essa diferença é necessária na espécie humana para a reprodução biológica. Já gênero, refere-se à mudança, a construção psicológica, social e cultural das características adquiridas consideradas homem ou mulher. O gênero é utilizado para designar a construção cultural e histórica cujas características podem variar de uma sociedade a outra, de uma cultura a outra (SILVA, 2016).

Não é necessário especificamente os conteúdos que interferem nas relações de gênero, mas fatores que atuam junto a eles, tais como, a confiança nas próprias habilidades e o arriscar-se em novas aprendizagens corporais. Contudo, além dos conteúdos a serem abordados em salas de aula, que são classificados para cada gênero em específico, fatores como esses citados anteriormente, interferem nas relações dos alunos (UCHOGA E ALTMANN, 2016).

A superioridade masculina e a não participação das meninas nas aulas de educação física, caracterizam-se como uma barreira a ser vencida pela escola. É importante que o professor(a) de Educação Física possa incentivar e estimular a participação de ambos os gêneros com aulas lúdicas e prazerosas, desenvolvendo em seus planos de aulas, métodos e estratégias que diminuam a desigualdade de gênero tão presente na sociedade heteronormativa, principalmente relacionada ao gênero feminino (DA ROCHA MATOS *et al*, 2016).

A escola e os(as) professores(as) reconhecidos como os responsáveis pela formação do discente, no que diz respeito à transmissão e transformação dos saberes sociais historicamente produzidos, sendo desta forma, necessário compreender questões de gênero e sexualidade no ambiente escolar, contribuindo para que sejam superandos os estereótipos e preconceitos existentes, possibilitando assim que os alunos (as) possam viver exitosas experiências, com diferentes pessoas e em diversas atividades e momentos, principalmente nas aulas de Educação Física (VASCONCELOS E FERREIRA, 2020).

É possível a ultrapassagem dos paradigmas que sustentam as práticas pedagógicas de muitos docentes e a construção de uma nova identidade para a educação física, desenvolvendo conteúdos através da perspectiva cultural, pois estes servem como base para a construção das relações de gênero, oferecendo assim um ambiente propício a criticidade e participação, com um olhar mais aprofundado sobre o que acontece na comunidade em que vivem (CASTRO, 2016).

Os docentes precisam abordar e discutir gênero no planejamento das suas aulas, pois com isso, a igualdade se fará presente na sociedade em que estão inseridos. Os(as) professores(as) de educação física devem desenvolver atividades que proporcionem interação entre os gêneros, levando-os a questionar os estereótipos e preconceitos que são promovidos devido as diversas manifestações desportivas e culturais, sendo uma reflexão de suma importância tanto para os docentes, quanto para os(as) discentes, pois de alguma forma, acabam exibindo comportamentos sexistas, influenciados pelas práticas sociais e culturais (BIVE *et al*, 2020).

Um bom planejamento nas aulas de educação física, deve despertar nos(nas) discentes uma convivência sadia com as diferenças. Partindo da corporeidade, os jogos coletivos, entre outros, fazem com que os(as) estudantes consigam retratar o que acontece fora e dentro da escola e que independentemente da situação ao longo da vida, todos temos direito de respeito e igualdade. (CARBALLO *et al*, 2018). Os mesmos autores afirmam que a inserção do esporte se torna fator primordial no campo dos planejamentos, visto que este é considerado uma pedagogia de humanização, pois propõe em seus pilares um mundo melhor, tendo como base uma educação integral, que conduz o ser humano a autonomia através da construção coletiva promovendo ainda o respeito à diversidade e a inclusão de todos(as).

Apesar dos docentes de educação física terem ciência da importância da promoção da igualdade por meio das propostas que possibilitam as mesmas oportunidades para ambos os sexos, apresentam dificuldades em colocar isso em pratica, conduzindo à educação física a

continuar estereotipada, disseminando discriminação e preconceito por não conseguirem implementar estratégias de coeducação, que possibilitem a ambos os sexos terem as mesmas oportunidades (BIVE *et al*, 2020).

As temáticas de gênero e sexualidade ao longo da formação inicial do docente em educação física são primordiais, porém é perceptível que há uma carência de debates em torno dessas temáticas, carência essa que pode ser consequente ao histórico da área, fortemente impactado por abordagens biológicas, técnicas e funcionais em torno do corpo e do movimento humano, que atualmente se apresentam em suas matrizes curriculares (VASCONCELOS E FERREIRA, 2020).

### **3- MATERIAIS E MÉTODOS**

A presente pesquisa trata-se de uma abordagem qualitativa, dispendo de ordem descritiva, e se caracterizando por uma pesquisa bibliográfica, realizado por meio de revisão integrativa da literatura.

Segundo Prodanov e De Freitas (2013), a pesquisa qualitativa não pode ser traduzida em números, pois tem o ambiente como fonte direta dos dados, onde o pesquisador mantém o contato com o ambiente e o objeto de estudo em questão. Quanto a natureza descritiva, proporciona descrever as características de determinada população ou fenômeno, procurando descobrir a frequência com que um fato ocorre, sua natureza, suas características, causas e relações com outros fatores.

A pesquisa bibliográfica é a revisão de obras publicadas acerca do fundamento que irá orientar o trabalho científico e tem como objetivo agrupar e investigar textos publicados, para defender a pesquisa científica (SOUSA; OLIVEIRA E ALVES, 2021). Está inclusa principalmente no meio acadêmico com intuito de aprimorar e atualizar o conhecimento, por meio de uma investigação científica de obras já publicadas. Para Andrade (2010, p. 25):

A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monográficas não dispensam a pesquisa bibliográfica.

A revisão integrativa de literatura, permite extrair de pesquisas anteriores e delas obter conclusões para análise do conhecimento científico sobre o assunto a ser pesquisado, sendo

um dos métodos mais amplos, pois permite incluir diversos tipos de estudos, fornecendo o acesso rápido aos resultados relevantes das pesquisas que fundamentam a tomada de decisão, proporcionando assim um saber crítico (MENDES; SILVEIRA E GALVÃO, 2008).

Para a realização da revisão integrativa seguiram-se algumas etapas: A primeira é a identificação do tema e seleção da questão de pesquisa: essa fase introduz com a descrição de um problema e a elaboração de uma pergunta norteadora da pesquisa. A segunda é o estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão: essa etapa sujeita-se de resultados encontrados ou traçados na etapa anterior, pois um problema amplamente descrito tenderá a nortear a uma amostra diversificada, exigindo maior critério de análise do investigador. A terceira é a identificação dos estudos pré-selecionados e selecionados: para a identificação dos estudos, realiza-se uma leitura cautelosa dos títulos, resumos e palavras-chave de todas as publicações íntegras localizadas pelo método de busca, para subsequentemente verificar se está de acordo com os critérios de inclusão do estudo. A quarta é a categorização dos estudos selecionados: tem por objetivo resumir e documentar as informações extraídas dos artigos científicos vistos nas fases anteriores. A quinta é a análise e interpretação dos resultados: refere-se à discussão acerca dos textos analisados na revisão integrativa. A sexta é a apresentação da revisão/ síntese do conhecimento: constitui-se na elaboração do documento que deve considerar a descrição de todas as fases percorridas pelo investigador, de forma criteriosa, e deve mostrar os principais resultados obtidos (BOTELHO; CUNHA E MACEDO, 2011).

Para responder à questão problema, foi realizada uma busca na base de dados Periódico Capes, seguindo os descritores “Relações de Gênero and Igualdade de Gênero and Educação Física”. O levantamento foi realizado no período de julho à outubro de 2021. Para a realização da busca dos descritores, foi feita pesquisa para validação em: <http://decs.bvs.br/>.

Os critérios de inclusão utilizados para seleção dos artigos foram: artigos na íntegra, publicados nos últimos 5 anos e em língua portuguesa. Quanto aos critérios de exclusão: estudos que se distanciaram da pesquisa após a leitura dos títulos e resumos e não gratuitos.

Através desse processo, foram encontrados 2.167 artigos, após o filtro dos critérios de inclusão e exclusão, restaram 808 e com a leitura dos títulos e resumos, apenas 6 artigos. Abaixo segue o quadro do processo metodológico de seleção.

**QUADRO 01 – Processo Metodológico de Seleção dos Artigos**

DESCRITORES	FONTES	TOTAL DE REGISTROS	TOTAL DE TRABALHOS RELACIONADOS AO TEMA	TOTAL DE TRABALHOS SELECIONADOS
RELAÇÕES DE GÊNERO AND IGUALDADE DE GÊNERO AND EDUCAÇÃO FÍSICA	PERIÓDICO CAPES	2.167	808	6

Fonte: Elaboração própria (2021).

**4- DISCUSSÕES**

Através dos processos da revisão integrativa da literatura foram reunidas seleções de informações por meio de trabalhos científicos estruturando o *corpus* do trabalho. Conta-se como base para análise 6 artigos, todos disponíveis na base de dados Periódico Capes em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/>.

Abaixo segue quadro síntese, compondo-se: Identificação, Autor, Título, Metodologia, Resultados e Ano.

**QUADRO 2 – Síntese dos estudos**

ID	AUTOR	TÍTULO	METODOLOGIA	RESULTADOS	ANO
A1	GODOI, Marcos; BORGES, Cecilia; AYOUB, Eliana.	Equidade de gênero nas aulas de um professor de educação física: um estudo de caso.	Utilizou-se uma abordagem qualitativa de estudo de caso, em que foram realizadas anotações em caderno de campo, observação e filmagem das aulas durante dois meses e entrevistas semi-estruturadas.	Observou-se que, nas aulas deste professor, existe uma ênfase na adaptação das regras dos esportes e dos jogos. Concluindo que a razão de agir deste professor revela seu esforço para equilibrar as relações entre meninos e meninas, mais ou menos habilidosos, possibilitando a vivência de experiências de	2021

				equidade de gênero nas aulas.	
A2	SO, Marcos Roberto et al.	Gosto, importância e participação de meninas e meninos na educação física no ensino médio.	A pesquisa consiste numa abordagem do tipo descritiva e exploratória. Trata-se de um levantamento de dados em campo, de natureza quantitativa e um grau de controle não experimental. A técnica de pesquisa foi a documentação direta usando como instrumento de coleta de dados um questionário estruturado.	Os resultados indicam que meninos atribuem maior importância, gostam e participam mais do que as meninas. Contudo, não é possível afirmar que meninas desgostam, não participam e não atribuem importância. Concluindo-se que são os docentes que podem problematizar a desigualdade e ajudar a instituir uma EF com equidade de gênero.	2021
A3	JACOBY, Lara Felix; GOELLNER, Silvana Vilodre.	A educação física em uma escola Militar: de turmas separadas por sexo e por altura a turmas mistas.	A fundamentação teórico-metodológica desta pesquisa, trata-se da história oral, entendida como uma metodologia de produção de fontes mediante a realização de entrevistas.	Os resultados demonstraram que há alteração dos critérios de organização das turmas, realizada no início de 2018, os docentes mencionam o quanto esta nova configuração demandou alterações na sua conduta, visto estarem habituados a trabalhar o conteúdo esportivo levando em conta a diferença que identificam entre habilidades e performances de alunos e alunas.	2020
A4	BIVE, Madalena Antônio	Educação Física no Ensino	Trata-se de uma pesquisa qualitativa alicerçada na	Os dados evidenciam que: os/as professores/as	2020

	Tirano et al.	Secundário em Moçambique: relações e estereótipos de gênero.	perspectiva fenomenológica. Os dados foram analisados a partir da análise de conteúdo.	abordam as questões de gênero nas suas aulas considerando não existir motivos para discriminar ou separar os meninos das meninas; enfrentam dificuldades para a operacionalização de estratégias que garantam a igualdade/equidade; os debates se mostraram ser espaços de reflexão para os/as professores/as e para os/as alunos/as que de algum modo se pautam por comportamentos sexistas, influenciados pelas práticas socioculturais.	
A5	SILVA, Danúbia Ângela et al.	É só brincadeira de criança? Discussões sobre cooperação e Competição na construção das relações de gênero de escolares.	Configura-se pela metodologia qualitativa, com cunho de estudo de caso, com coleta de dados através de observação participante e análise por descrição reflexiva.	Evidenciou-se que nas práticas esportivas escolares, a figura do/a professor/a pode estimular e desenvolver a cooperação ao mesmo tempo em que trabalha diversas situações de competição entre os/as alunos/as perante a proposta de uma aula/atividade mista (jogo de equipe) e ambos os gêneros feminino e masculino, apresentam reações diferentes nas ditas	2019

				<p>“situações do jogo”, tornando desafiador o papel da escola no sentido de tentar trabalhar com conceitos e construções no entorno das relações de gênero, situação em que os momentos de cooperação e também competição pode de certa forma, se constituir em uma possibilidade de se garantir a formação de cidadãos e cidadãs com sentimentos mais igualitários.</p>	
A6	<p>GUIMARA SOMARIVA, João Fabrício; MARA CRUZ, Tânia.</p>	<p>A prática pedagógica do futebol nas aulas de educação física: Sob uma perspectiva de gênero.</p>	<p>Adotou-se como técnica a pesquisa-intervenção, tendo como fundamentação teórica a pedagogia histórico-crítica.</p>	<p>Os resultados demonstraram que as relações de gênero entre adolescentes, durante a prática pedagógica do futebol, são hegemonicamente masculinas, mas após vivenciarem a problematização da experiência coeducativa, novas alternativas de sociabilidade e aprendizagem podem surgir, questionando a generificação ali presente.</p>	2018

Fonte: Elaboração própria (2021).

A desigualdade na participação existente nas aulas de educação física entre meninos e meninas é uma realidade enxergada por muitos. A participação efetiva é de suma importância

no que diz respeito ao desenvolvimento pedagógico, social e cultural dos(as) discentes. No artigo A2 referenciado por So *et al* (2021) é exposto que o gosto, a importância e a participação que os alunos (as) aferem à educação física são traços que os levam a introduzir ou a evitar o seu processo de aprendizagem, necessitando dessa forma de atitudes e esforços. Charlot (2000) citado no A2, deixa definido que essa atitude está totalmente ligada à mobilização. Dessa maneira, “mobilizar-se em uma atividade” nas aulas de educação física, seria envolver-se efetivamente. Ainda no artigo A2 são apontadas maneiras de verificar tal mobilização em uma atividade, onde o professor com função de mediador poderá verificar o nível de participação dos(as) discentes, registrando fatores incorporados à não participação principalmente das meninas.

Essa falta de participação das meninas pode ser justificada com o estudo do artigo A5 referenciado por Silva (2019) no qual notou-se que as meninas sofrem exclusão em meio aos meninos, sendo estes não flexíveis diante dos episódios de erros e dificuldades, demonstrando superioridade na presença das meninas.

Acerca da não participação afetiva das meninas em aula, So *et al* (2021) no A2 intervém juntamente junto aos traços da literatura mostrando que na educação física escolar há uma sucessão de discriminações como: a separação das turmas/classes; o privilégio de práticas esportivas coletivas (a pobreza e a repetição de conteúdo) que favorecem aqueles que já dispõem de experiência nas modalidades, que, na maior parte dos casos, são prevalectos pelos meninos; generificação de conteúdo, por exemplo: meninos jogam futebol e meninas jogam voleibol; violência verbal por meninos às meninas (sobre corpo, à habilidade); a vigilância das atitudes das estudantes pelos meninos; a inferiorização das meninas pressuposta pelos docentes ao separarem as turmas entre meninos e meninas, sob o argumento de uma prevista carência de habilidades ou força.

Segundo Oliver e Hamzeh (2010) e Okely *et al.* (2017) citados no artigo A2, a ausência de confiança nas suas habilidades e a dificuldade em conviver com os meninos, que regem as aulas de educação física, condizem-se a ser motivos que desmobilizam as alunas. Corroborando com a citação acima, o A5 em Silva (2019) destaca que devido à reprodução cultural e social onde se constituíram, quando o jogo parece se “tratar de menininha” muitos meninos se sentem insultados, uma vez que acham que a Educação Física é apenas espaço de jogar bola.

Apesar de serem encontradas ausências na participação das meninas nas aulas de educação física, isso não significa afirmar que não querem ou gostem, possivelmente podem

se sentir inseguras, e é justamente nesse contexto que cabe ao docente considerar as relações de gênero em suas aulas, sugerindo reflexões e aportes teóricos, transformando e recriando o ambiente escolar de forma segura e igualitária.

É perceptível nas literaturas lidas a importância de aulas mistas de ambos os gêneros, proporcionando assim as meninas oportunidades de desenvolverem suas habilidades de forma igualitária, proporcionando também relações de gênero que possam desconstruir as representações de desigualdade no ambiente escolar.

Jacoby e Goellner (2020), no artigo A3, destacam que as aulas mistas são necessárias para propiciar a forma de “pensar fora da caixa” ao proporcionar o rompimento de práticas e representações que promovem as desigualdades de gênero no contexto da Educação Física. Seguindo ainda o A3, fica registrado que dispor apenas de turmas mistas nas aulas de educação física, não garante um espaço coeducativo, nem a equidade de conteúdo para meninos e meninas, muito menos assegura o processo igualitário e a problematização com relação as desigualdades de gênero presentes, no âmbito da aula, da educação física, da escola e da sociedade em geral, sendo necessário acrescentar reflexões, momentos discursivos, compreensões relacionadas à temática, para que assim possa se formar uma sociedade consciente, objetivando a quebra de paradigmas.

Segundo o artigo A6 de Guimara Somariva e Mara Cruz (2018), a Educação Física como área coeducativa deve ser direcionada à criação de espaços equânimes de aprendizagem proporcionando às turmas uma série de conhecimentos inovadores demandados no que discerne à igualdade e diferenças a serem superadas no jogar juntos, de modo reflexivo, combatendo possíveis conflitos.

Essa separação de aulas por gênero acaba desencadeando habilidades excludentes, como é o caso do futebol/futsal aplicado nas escolas para os meninos e carimbada ou vôlei para as meninas. O A6 nos permite compreender que um dos principais obstáculos para a participação das meninas em outras práticas é o cumprimento das técnicas por vezes muito complexas, gerando certa desmotivação. Situações como essas podem ser evitadas quando o docente proporciona os mesmos conteúdos para ambos os gêneros desde a sua parte introdutória.

O nível de preocupação por parte dos docentes em entender como agir e construir concepções metodológicas de igualdade de gênero em suas aulas tem se tornado cada vez maior. No artigo A4, Bive *et al* (2020), esclarecem que independente dos(das) professores(as) serem conhecedores do dever de incorporar concepções de igualdade de gênero mediante

métodos que garantam possibilidades e oportunidades iguais, ainda existem obstáculos para se efetivar tais reflexões. Contudo, na pesquisa de Godoi, Borges e Ayoub (2021) no A1, destacam que nas aulas de um professor de educação física se faz primordial práticas de ensino esportivas, de forma agradável, lúdica e independente, gerando assim uma convivência humana e igualitária entre os diversos gêneros.

No que diz respeito às metodologias a serem utilizadas pelo contexto escolar para oportunizar a vivência de experiências da equidade e relações de gênero nas aulas de educação física, o artigo A1 de Godoi, Borges e Ayoub (2021) expõe as formas de agir de um professor de educação física.

O primeiro ponto destacado no artigo citado no parágrafo anterior é a adequação das regras dos esportes e dos jogos, dentre as estratégias utilizadas por ele, destacando-se: uma pontuação superior para o gol das meninas em algumas modalidades de esportes; no jogo de queimada, as meninas poderiam queimar ambos os gêneros, já os meninos só poderiam queimar apenas meninos; a divisão das equipes mistas alternar os gêneros na escolha dos membros, na qual os últimos estudantes decidiriam em qual equipe iriam jogar e qual a equipe que iria começar jogando; o reconhecimento e promoção da resolução de problemas e das estratégias de jogo; aumentar a dificuldade do jogo ao decorrer das atividades; a realização de atividades coletivas no atletismo, somando a pontuação de todos os integrantes da equipe; o ajuste da distância do saque do voleibol de acordo com as habilidades dos docentes, entre outras possibilidades de inserção das meninas nas aulas.

O modo de aplicar novas metodologias de inclusão nas aulas de educação física está visível e objetivo no A1, abordando objetivações no que diz respeito às práticas de inclusão de ambos os gêneros respeitando e acolhendo as suas diferentes habilidades. Além do mais, outras estratégias e resoluções de dificuldades nos jogos sobre a questão de gênero são defendidas por diversas obras na literatura da educação física (Paes & Balbino, 2014; Coletivo de Autores, 2012; Darido & Souza Junior, 2007; Kunz, 2001).

Bive *et al* (2020), em A4, afirmam que os docentes devem ainda elaborar atividades que possa estimular a interação entre ambos os gêneros, levando-os a contestar os estereótipos e preconceitos que são promovidos por inúmeras manifestações culturais e desportivas. Em A1, está expresso que mesmo o (a) professor (a) estando em meio a muitas contradições sociais, se faz necessário desempenhar sua função docente voltada à práticas educativas que venham a desenvolver contextos de promoção de igualdade de gênero, dando ênfase as individualidades de seus alunos, junto a debates e discursos com toda a comunidade escolar.

É válido reforçar que os alunos possuem diferentes níveis de habilidades, interesses, valores e comportamentos, e é justamente por esses motivos que o docente precisa construir um ambiente inclusivo em suas aulas, proporcionando o desenvolvimento de habilidades de ambos os gêneros, levando em consideração as suas diferenças e promovendo contextos de equidade, para que assim, possam ser formados cidadãos éticos junto à prática esportiva, de forma prazerosa, lúdica e autônoma repudiando qualquer forma de hostilidade, intolerância, agressão e discriminação. Vale ressaltar que os debates de igualdade de gênero fazem parte de um espaço reflexivo tanto para os (as) discentes quanto para os (as) docentes, pois ambos estão inseridos (as) nas práticas socioculturais.

## **5- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo visou investigar que práticas pedagógicas estão sendo utilizadas pelos docentes para a reflexão sobre gênero nas aulas de Educação Física. Observou-se na literatura que existem muitos caminhos para que a igualdade de gênero seja uma realidade na educação física escolar, como as aulas mistas e os discursos de gênero. Mesmo não sendo o suficiente para quebra de paradigmas, os estudos também revelam outras estratégias coeducativas, que já são colocadas em prática por diversos (as) professores (as) nos seus planejamentos.

É preciso que haja reflexões no campo da educação física, ressignificando o que está impregnado no seu contexto histórico, a se tratar da formação de atletas fortes para competições. Aqui se faz necessário apresentar estratégias dentro das metodologias esportivas de forma lúdica e coeducativa, valorizando a aprendizagem e desenvolvimento de habilidades de forma igual em ambos os gêneros.

Nos achados, percebe-se que o grande desafio dos docentes em obter êxito na participação de forma afetiva de ambos os gêneros podem ser superadas com as formas de adequações das regras dos esportes para o âmbito escolar, debates com os (as) discentes sobre atitudes de preconceitos, desigualdades e bullying que são vivenciadas no ambiente escolar.

Espera-se que este estudo possibilite reflexões sobre novas metodologias a serem adotadas pelos (as) professores (as) acerca da igualdade na educação física. O estudo aduz informações e conhecimentos que podem possibilitar novas formas de agir e estratégias para promover a igualdade nas aulas de educação física. Ainda contribui para a comunidade acadêmica, profissional e sociedade em geral, visto que, tais estudos são necessários para a

construção de um ambiente inclusivo que devem levar em consideração as diferenças e habilidades de ambos os gêneros.

Portanto, se faz necessário à implementação de uma proposta para discussão dos temas relacionados a gênero na educação, e que ainda sejam incluídos nos currículos dos cursos superiores, principalmente os de licenciatura, para que cresça o processo de enfrentamento à discriminação de gênero e orientação sexual, garantindo assim a igualdade de direitos.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

BIVE, M. A. T. et al. Educação Física no Ensino Secundário em Moçambique: relações e estereótipos de gênero. **MOTRICIDADES: Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana**, v. 4, n. 1, p. 4-14, 2020.

BOTELHO, L. L. R.; CUNHA, C. C. A.; MACEDO, M. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade**. Belo Horizonte, v.5, n. 11, p. 121-136 · maio-ago. 2011.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, v.248, 23 de dezembro de 1996. Seção 1. P.27834-27841.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética/Secretaria de Educação Fundamental. – **Brasília: MEC/SEF**, 1997. p.146.

CARBALLO, F. P. et al. “Coisa de menino, coisa de menina” – O papel da Educação Física na compreensão das relações de gênero como base para uma educação inclusiva. **REVES-Revista Relações Sociais**, v. 1, n. 4, p. 0673-0689, 2018.

CASTRO, P. A. et al. Tematizando o futsal nas aulas de Educação Física: quando meninos e meninas trocam passes. **Horizontes-Revista de Educação**, v. 4, n. 8, p. 225-234, 2016.  
CHARLOT, B. Da relação com o saber: elementos para uma teoria, trad. Bruno Magne, Porto Alegre: **Artmed**, 2000.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. Editora Cortez, 2012.

DA ROCHA M. N. et al. Discussão de gênero nas aulas de Educação Física: uma revisão sistemática. **Motrivivência**, v. 28, n. 47, p. 261-277, 2016.

DARIDO, S. C.; DE SOUZA JUNIOR, O. M. Para ensinar educação física: possibilidades de intervenção na escola. **Papirus**, 2007.

FRIZZO, G.; ALVES, P.; CECCHIM, K. La desigualdad de género en la educación física escolar. **Última década**, v. 26, n. 49, p. 22-35, 2018.

GODOI, M.; BORGES, C.; AYOUB, E.. Equidade de gênero nas aulas de um professor de educação física: um estudo de caso. **Educación Física y Ciencia**, v. 23, n. 1, p. 1-15, 2021.

GUIMARA S., JOÃO F.; MARA C. T.. A prática pedagógica do futebol nas aulas de educação física sob uma perspectiva de gênero. **Poiésis**, v. 12, n. 22, 2018.

JACOBY, L. F.; GOELLNER, S. V. A Educação Física em uma escola militar: de turmas separadas por sexo e por altura a turmas mistas. **Movimento** (ESEFID/UFRGS), v. 26, p. 26031, 2020.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do Esporte**. Ed Unijuí, 2001.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & contexto-enfermagem**, v. 17, p. 758-764, 2008.

MONTEIRO, M. V. P. A construção identitária nas aulas de Educação Física. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, n. 69, p. 339-359, 2017.

OKELY, A. D. et al. Promoting physical activity among adolescent girls: the girls in sport group randomized trial. **International Journal of behavioral nutrition and physical activity**, v. 14, n. 1, p. 1-13, 2017.

OLIVER, K. L.; HAMZEH, M. “The boys won't let us play” Fifth-grade mestizas challenge physical activity discourse at school. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 81, n. 1, p. 38-51, 2010.

PAES, R. R.; Balbino, H. F. **Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas**. Guanabara Koogan, 2014.

PRODANOV, C. C.; DE FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição**. Editora Feevale, 2013.

SILVA, D. Â. et al. É só brincadeira de criança? Discussões sobre cooperação e competição na construção das relações de gênero de escolares. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 14, n. 3, p. 1111-1123, 2019.

SILVA, F. M. “Educação e Docência”: Um estudo sobre as relações de gênero e diversidade na escola. **Revista Ártemis**, v. 22, n. 1, p. 17-31, 2016.

SO, M. R. et al. Gosto, importância e participação de meninas e meninos na educação física no ensino médio. **Educación Física y Ciencia**, v. 23, n. 1, p. 1-18, 2021.

SOARES, Z. P.; MONTEIRO, S. S. Formação de professores/as em gênero e sexualidade: possibilidades e desafios. **Educar em Revista**, v. 35, n. 73, p. 287-305, 2019.

SOUSA, A. S.; OLIVEIRA, G. S.; ALVES, L. H. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, v.20, n.43, p.64-83, 2021.

UCHOGA, L. A. R.; ALTMANN, H. Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 38, n. 2, p. 163-170, 2016.

VASCONCELOS, C. M. T.; FERREIRA, L. A. A formação de futur@s professor@s de educação física: reflexões sobre gênero e sexualidade. **Educação em Revista**, v. 36, 2020.

VIANNA, J. A.; SOUZA, S. M.; REIS, K. P. Bullying nas aulas de Educação Física: a percepção dos alunos no Ensino Médio. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, v. 23, n. 86, p. 73-93, 2015.